

HIPERTEXTO E GÊNEROS DIGITAIS: NOVOS MODOS DE LER E DE ESCREVER, NOVAS FORMAS DE INCLUSÃO SOCIAL E CULTURAL

ANDRÉA BEATRIZ HACK DE GÓES¹

Resumo: As novas tecnologias conquistam cada vez mais espaço e importância na sociedade contemporânea, redimensionando as formas de comunicação, abolindo fronteiras de tempo e de espaço, e influenciando fortemente as relações interpessoais, de maneira que hoje é quase impossível viver sem o suporte desses dispositivos, em constante (e rápida!) atualização. Nesse contexto, impõe-se novas formas de ler e de escrever, bem como de se produzir arte e cultura, no espaço cada vez mais amplo e democratizado do hipertexto, na web. Essa instigante mescla dos papéis de autor e leitor, ampliados pela multimodalidade de linguagens, constitui-se num grande desafio para a escola.

Palavras-chave: novas tecnologias, leitura, escrita, hipertexto, multimodalidade, escola.

Introdução

No contexto letrado da sociedade atual, observa-se a difusão cada vez mais generalizada de novas formas de leitura e de escrita, pautadas pelas novas tecnologias, em crescente acesso à população em geral, e presentes de forma cada vez mais intensa no cotidiano, de maneira a já se reconhecer uma condição de verdadeira dependência desses dispositivos, em alguns casos, de caráter patológico. Tais meios de comunicação eletrônica, baseados em suportes físicos como o computador, laptop, notebook, netbook, celular, dependem de conexão via internet, a fim de exercerem uma complexa e ilimitada coexistência em rede, a “web”, na qual todos querem estar, ainda que nem todos ainda o possam, o que se configura na chamada “inclusão digital”.

¹ Professor Adjunto I – Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Essas modalidades de comunicação, pautadas por tecnologias em constante evolução e aprimoramento, dissolveram as fronteiras do tempo e do espaço, e modificaram, inclusive, as relações estruturais do texto, introduzindo novas formas de linguagem, de leitura e de escrita, bem como de pensamento, modificando, inclusive, as relações sociais e interpessoais, atualmente mais e mais pautadas e dependentes dos aparatos tecnológicos, no advento do “tecnotexto”, de extrema plasticidade e multimodalidade. Tal ressignificação dos usos e formas de linguagem, particularmente da linguagem escrita, elemento central, porém não exclusivo nessas plataformas, acarretou inclusive em deslocamentos relevantes e desafiadores dos sujeitos autor e leitor, transformando, desconstruindo e reconstruindo constantemente a dimensão e a relação dessas funções na superfície do texto e na composição dos discursos, de diferentes temas, funções e naturezas, no bojo maior e em franca expansão da cibercultura.

Diante desse quadro, novo, instável e desafiador, coloca-se a questão: como a escola tem lidado com essa nova realidade, que lhe impõe, de fato, essas novas práticas de leitura e escrita, quebrando, basicamente, a linearidade da leitura convencional, preponderante na cultura impressa? As linguagens multimodais, fartas no contexto do hipertexto, que tanto seduzem os alunos, especialmente os jovens e adolescentes, têm tido lugar na sala de aula, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura? E os professores, como têm sido preparados para adotar essas tecnologias e novos formatos de texto - hipertexto, para além de um simples modismo que implique em tão-somente “trocar o quadro pela tela”, mas lançando mão de estratégias de ensino consistentes, teoricamente fundamentadas e adequadas a essa realidade, irreversível?

Para refletir a respeito de questões como essas, visando discutir o papel do hipertexto e dos gêneros digitais no âmbito da cultura, inclusão social e ensino de Língua Portuguesa e Literatura, bem como considerando seus múltiplos desafios e possibilidades, recorrer-se-á aos trabalhos de autores como Luiz Antônio Marcuschi, Antonio Carlos Xavier, Luiz Fernando Gomes, Denise Bértoli Braga, Pierre Lévy, Roxane Rojo, dentre outros.

1. O hipertexto na cibercultura

Ao contrário do que se pode pensar, por conta do alvoroço e encantamento provocados pelas múltiplas e inovadoras possibilidades comunicativas trazidas pelas tecnologias, especialmente no que tange os gêneros digitais, o hipertexto não é exclusividade da plataforma “www”, tampouco é novo. É certo que os aparatos tecnológicos, permeados pela multimodalidade de linguagens, simultâneas, redimensionaram e expandiram sobremaneira, não apenas o conceito, mas principalmente a produção e uso do hipertexto, numa relação cada vez mais diluída e compartilhada das funções, ou papéis de autor e leitor. No entanto, ele não é algo novo.

Segundo Gomes (2011), a organização de manuscritos (documentos, rolos, papiros, etc), tornou-se uma necessidade crescente na mesma proporção em que aumentava a sua quantidade. Por isso, a partir do século XII, esses materiais passaram a ser indexados numericamente ou alfabeticamente, de modo a tornar os textos mais acessíveis graças a essa forma de organização, já reunidos em bibliotecas. Outros materiais bastante conhecidos, como enciclopédias, dicionários, gramáticas e a bíblia, texto sagrado do Cristianismo e Judaísmo, têm uma organização que possibilita diferentes formas e trajetos de leitura, sendo a não-linearidade uma das características mais marcantes do hipertexto.

Coscarelli (2006) defende que nenhum texto, e nenhuma leitura é linear, e assim nega que tal atributo seja prerrogativa exclusiva do hipertexto digital. Para ela, “O texto impresso não impõe tantos limites assim à nossa leitura. Não há caminhos proibidos no texto impresso dos quais devemos nos libertar e não há liberdade absoluta nos hipertextos.” (2006, p. 15). Já Gomes (2001) considera o hipertexto como um texto exclusivamente virtual, enfatizando que a presença dos *links* na superfície do texto em tela (que podem ser clicados aleatoriamente, segundo a vontade livre do leitor), possibilitam uma gama infinita de possibilidades de percursos de leitura, sendo que as marcas do texto impresso, ainda que presentes, de fato, são bem mais limitadas e escassas. Nesse sentido, o autor também salienta a multimodalidade linguística presente nos *links*, que podem ser palavras, imagens, ícones. Nesse sentido, observa-se

nitidamente uma constante atualização do texto, pois este é como que composto, realizado dentro e a partir do próprio percurso determinado pelo leitor através de seus “cliques”. Soares (2002) afirma, comparando o texto impresso com o digital e ressaltando as possibilidades deste em detrimento daquele, que “enquanto a página é uma unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal.” (2002, p. 150). De fato, é vertiginosamente crescente o uso da tela, do computador, em substituição aos materiais impressos; ainda que preservado o conteúdo, é outra a plataforma, com inúmeras vantagens, de ordem econômica e prática, sem esquecer das cada vez mais presentes simultaneidade e instantaneidade – características que tem se tornado imprescindíveis nos mais diversos contextos e situações da vida e interação humana.

Tal mudança nas formas de leitura da página e agora do hipertexto fica veementemente evidenciada em um tópico intitulado “Requiém para uma página, de Pierre Lévy:

Quando um leitor se desloca na rede de microtextos e imagens de uma enciclopédia, deve traçar fisicamente seu caminho nela, manipulando volumes, virando páginas, percorrendo com seus olhos as colunas tendo em mente a ordem alfabética. [...] O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra ou parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso. [...] Ao ritmo regular da página se sucede o movimento perpétuo de dobramento e desdobramento de um texto caleidoscópico. (LEVY, 1993, p. 40-41).

Aqui, mais uma vez evidencia-se o protagonismo do leitor, alçado à condição de coautor do texto, tamanha a dinamicidade do hipertexto e consequente volatilidade dos conteúdos, em consonância com a unidade temporal identificada por Soares, supracitada.

Para Xavier, o hipertexto é “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona a sua superfície formas outras de textualidade.” (XAVIER, 2010, p. 208). Nesse trecho, ele também

ênfatiza a multimodalidade da linguagem no contexto hipertextual, como características marcante dos gêneros digitais, pautados pelas novas e emergentes tecnologias.

É importante frisar que a não-linearidade não é prerrogativa exclusiva do hipertexto digital, pautado pela *web*, tampouco a multimodalidade de linguagens. Mesmo porque, segundo Coscarelli,

A rede de textos do universo digital, sobretudo na Internet, dá acesso mais fácil e mais rápido aos textos, mas devemos pensar que dessa rede também fazem parte materiais impressos. O universo digital não exclui o impresso, mas enriquece-o. Os textos impressos em si formam uma rede. Ao ler um livro, podemos consultar um dicionário, outros livros e matérias (impressos ou não). O texto impresso não é isolado, ele faz parte de um conjunto imenso de outros textos que podem ser “co-lidos”. Há, no entanto, em muitos casos mais rapidez de acesso no caso de textos inseridos nas redes digitais. (2006, p. 7).

O que ocorre na atualidade, em relação a esses dois elementos – linearidade textual e multimodalidade linguística – é que as tecnologias atuais redimensionaram as possibilidades comunicativas, influenciando significativamente não apenas na recepção como também na produção dos textos, das linguagens, bem como da própria arte, estética e cultura, marcando e modificando irreversivelmente a interação entre autor e leitor, numa mescla de papéis e trocas sem precedentes, conforme veremos a seguir.

2. A dessacralização do autor na coautoria com o leitor

Uma das alterações mais marcantes e significativas trazidas pelo hipertexto no contexto das novas tecnologias de comunicação se dá no contexto da interação entre autor e leitor. Conforme pontua Xavier (2010), a consequência imediata desse processo, no tocante ao autor, é a perda, ou esvaziamento, da “autoridade” autoral, ou seja, do crédito científico ou literário absoluto. Magda Soares (2002) alerta ainda que essas mudanças não se restringem apenas aos “antigos” polos autor – leitor, mas afetam também as relações “entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento.” (p. 18). Ou seja, considerando a tela como novo espaço de escrita, no bojo da internet, “qualquer ilustre desconhecido pode publicar suas ideias suas ideias sem passar pelo crivo de nenhum conselho

editorial (...)”. (XAVIER, 2010, p. 217). Segundo o autor, essa realidade, demonstrada pelo hipertexto, denota o caráter essencialmente democrático da rede mundial, o que incide também no incremento de possibilidades e ampliação da relações sociais, pessoais e interpessoais, refletindo a natureza da própria globalização, que, por sua vez, só foi de fato potencializada pela internet.

Os gêneros digitais, mediados pelas novas tecnologias, incidem em novas formas de ler e de escrever, além dessa mescla, intercâmbio dos papéis e funções autor-leitor, já referidas. Segundo Ramal,

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura. (2002, p. 84).

Essa “liberdade sem limites”, ao mesmo tempo que fascina e encanta, abrindo uma gama de possibilidades de expressão, relacionamentos e comunicação, também demanda novas formas de leitura e de escrita, o que por sua vez impõe um trabalho sistematizado, não só com o uso dos dispositivos tecnológicos, mas com os gêneros digitais suportados por eles.

É sabido que os mais jovens, chamados, inclusive, de “nativos digitais”, já se consideram incapazes de viver sem a internet e os respectivos dispositivos e aparelhos eletrônicos, o que também ocorre, cada vez mais, com os “imigrantes digitais”, em uma sociedade cada vez mais tecnocrata, no dizer de Xavier (2010). Desenha-se aí um certo “conflito de gerações”, vivido mais agudamente na escola, que em muitos casos, e na pessoa dos professores, particularmente os de língua materna, insiste em se manter “no passado”, ou seja, em permanecer investindo em conteúdos e estratégias pedagógicas desvinculadas da tecnologia vigente na sociedade, como se isso fosse ainda possível. Estabelece, assim, uma espécie de mundo paralelo, saudosista e temeroso, buscando se valer de um autoritarismo cada vez mais caduco e patético, porém, ainda capaz de inflamar conflitos inúteis e desgastantes.

Felizmente, há muitos docentes que, além de pessoalmente usuários das novas tecnologias digitais, frequentadores pertencentes às redes sociais de relacionamentos e

expressões democráticas de ideias, opiniões e construção coletiva de conhecimento, também já se despertaram para a necessidade de levar a tecnologia para a sala de aula, ou, talvez de forma mais coerente e adequada, “trazer a escola para o século XXI”. Contudo, considerando que um considerável contingente de docentes, desde o ensino básico fundamental até o nível superior, é constituído por “imigrantes digitais”, ou seja, “pessoas do século passado”, percebe-se a dimensão do desafio em questão, e surge a pergunta: estão esses professores preparados para trabalhar com os gêneros digitais em sala de aula, de forma adequada e significativa, de modo a “salvar” os alunos internautas de se afogarem nesse “mar de informações”?

3. Tecnologia e sala de aula: conflito ou parceria?

Conforme já referido, o hipertexto, no bojo nos novos espaços de leitura e de escrita, a saber, a tela, temporal e não mais unicamente estrutural como o suporte impresso, da folha de papel, requer novas formas de ler e de escrever, o que requer, automaticamente, mudanças também na maneira de ensinar e de aprender. Nesse sentido, é importante considerar que fora do contexto da sala de aula, tanto professores (aqui identificados principalmente como “imigrantes digitais”) quanto alunos (“nativos digitais”, considerando principalmente crianças e adolescentes, nesse contexto), são usuários e se relacionam socialmente mediados pelas TICs (tecnologias de informação e comunicação). Então, por que, para muitos, a sala de aula parece ainda ser uma espécie de “território sagrado”, avesso a mudanças, que parecem ser mais ameaça que melhoria, incremento ao processo de ensino-aprendizagem?

Para muitos, o receio de que “o computador substitua o professor”, alimentado pelo incremento e profusão da modalidade de ensino à distância (que na verdade já existe há muitas décadas, por correspondência, só que em proporção menor e alcance modesto, por motivos óbvios), alimenta essa resistência à inserção da tecnologia nas aulas. Outro fator que sustenta uma certa “tecnofobia” por parte de alguns professores, é o próprio desconhecimento sobre como trabalhar, didaticamente, com esses recursos. Alguns, mais afoitos, pensam que basta levar o computador para a sala de aula (ou os

alunos para o laboratório de informática – que acaba funcionando como uma boa estratégia de marketing para algumas escolas, principalmente da rede privada), que está tudo resolvido, “a mágica” acontece, pois na concepção destes, basta trocar o papel, o livro, pela tela. E como o computador tem, de fato, um poder inato de atrair crianças e adolescentes, principalmente pela multimodalidade simultânea das linguagens oferecidas, alimenta-se a ilusão de que ele de fato funciona, mas acaba sendo usado mais como entretenimento, “distração” para alunos barulhentos e agitados do que como ferramenta pedagógica útil e eficiente. Contudo, conforme alerta Kensky (2005), “atividades didáticas podem ser tão aborrecidas, com ou sem o uso das novas tecnologias.” (p. 75). Isso porque “é preciso ter formação específica para o uso pedagógico do computador em atividades de ensino.” (p. 75).

A escola precisa se conscientizar de que o aluno, no contexto da sociedade, já interage constantemente com a tecnologia, moldando seu pensamento, todo seu processo de construção de conhecimento, bem como formas de relacionamento pessoal e interpessoal nesses espaços. Portanto, é preciso que a sala de aula também se abra para o mundo, invada sem medo e sem represálias o ciberespaço e se deixe invadir por ele. Segundo Ponte,

a escola, tal como a conhecemos hoje, terá inevitavelmente que mudar e será, com grande probabilidade, irreconhecível dentro de algumas décadas”. Essas transformações, no entanto, vão ocorrer gradualmente, e não retirará da escola a sua função principal em relação à educação das atuais e das novas gerações. Independente da forma das escolas no futuro pode-se supor que elas terão na interação social, o “elemento fundamental da construção do conhecimento e na definição das identidades sociais e individuais. (Ponte, 2004).

Assim como os professores, a escola jamais será substituída pelas tecnologias, mas precisa, isso sim, adaptar-se a elas, fazendo delas suas aliadas no processo de ensino-aprendizagem, assim como mais e mais outras instâncias da sociedade, como a arte, a cultura, a política, têm se servido proficuamente desses aparatos, mudando suas formas de ser, existir e interagir com as pessoas.

Observa-se, no dizer de Marcuschi, o advento e construção de uma “cultura eletrônica” (MARCUSCHI, 2010, p. 17) no contexto da sociedade contemporânea, onde

cabe, e urge, pensar as tecnologias, suas influências e a dimensão de sua penetração numa perspectiva menos tecnicista, formal e racional, e mais sócio-histórica, dinâmica, desafiadora, e por que não dizer, por mais contraditório que isso possa soar? Humana.

Referências

COSCARELLI, Carla Viana. Os dons do hipertexto. In: **Littera: Linguística e literatura**. Pedro Leopoldo: Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, 2006.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção trabalhando com... na escola).

KENSKI, Vani Moreira. Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem. In: www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5. Acesso em 20/06/2016.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentidos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PONTE, João P. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: Que desafios? In: <http://www.campus-oei.org/revista/rie24a03.htm>. Acesso em 20/06/2016.



RAMAL, A.C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 20/06/2016.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.) Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.